

36º Encontro Anual da Anpocs

Número e Título do GT: GT 24 – O pluralismo na Teoria Social Contemporânea

Título do trabalho: “Uma imagem diz mais do que mil palavras”? Os usos contemporâneos da fotografia como método e como objeto sociológico”

Nome(s) do autor: Nicole Louise Macedo Teles de Pontes

“Uma imagem diz mais do que mil palavras”?

Os usos contemporâneos da fotografia como método e como objeto sociológico

Nicole Louise M. T de Pontes¹

“Virtuosi of the noble image like Alfred Stieglitz and Paul Strand, composing mighty, unforgettable photographs decade after decade, still want, first of all, to show something ‘out there’, just like the Polaroid owner for whom photographs are a handy, fast form of note-taking, or the shutter-bug with a Brownie who takes snapshots as souvenirs of daily life.”

(S. Sontag, 1973:3)

INTRODUÇÃO

O aparecimento e desenvolvimento da fotografia como técnica de captura de imagens é fruto do mesmo rigor que pautou, tanto para Daguerre quanto para Durkheim, a busca pela captura objetiva das relações humanas. A fotografia surge, portanto como construção de uma imagem que se quer real, autêntica e verdadeira (Becker, 1974). Dessa maneira, seus usos tanto como objeto quanto como forma de apreensão das realidades observadas dependeram desde os primórdios de certas transformações e afiliações a áreas distintas como a sociologia, a antropologia, a arte etc. O significado e a significância das imagens fotográficas são portanto, fruto das mesmas transformações históricas que acompanharam o desenrolar do mundo moderno e uma noção específica da realidade, das relações sociais e da objetividade da ciência, em particular, das ciências sociais. No decorrer dessas mudanças não apenas tecnológicas, como a criação das máquinas estilo ‘point and shoot’ até as corriqueiras fotos digitais contemporâneas, assim como a emergência vida cotidiana como situação particular de análise sociológica, tanto a forma de captura das imagens quanto o conteúdo e uso social das mesmas tem se transformado incrivelmente. É

¹ Nicole Pontes é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPB e professora substituta do Departamento de Sociologia da UFPE.

nesse contexto transformativo que a sociologia passa a construir um discurso sobre a imagem em geral, e sobre a imagem fotográfica, em particular.

Baseados em tradições distintas temos que, se por um lado, a imagem fotográfica captura aspectos importantes das relações sociais as quais retratam (Bourdieu, 1990 e Bourdieu, 2004) por outro, tem-se também que a própria prática fotográfica é fruto de um processo de representação da sociedade que pertence ao campo da subjetividade, tanto daquele que executa a fotografia, quanto daquele que interpreta seus elementos (Martins, 2011). Nesse sentido, a fotografia tem-se prestado a análises variadas e a usos tão distintos quanto souvenir de viagens e obras de arte, bem como objeto e método para coleta e produção de conhecimento sociológico, histórico, jornalístico etc.

Como objeto de análise sociológica, a fotografia vem ocupando cada vez mais um lugar central para a sociologia, principalmente no que concerne às preocupações acerca de sua prática e existência artística e no que diz respeito à interpretação das imagens no âmbito da estética. Por outro lado, o uso antropológico da fotografia tem historicamente mais peso no que diz respeito ao feitura e compreensão da fotografia como expressão possível das relações sociais e principalmente como forma particular de capturar essas relações objetivamente. O uso da fotografia como método provem das tradições antropológicas (especialmente a partir da publicação de Mead e Bateson do *Balinese Character: a photographic analysis*) engajadas que estavam na produção etnográfica de material representativo da vida nativa dos povos exóticos estudados.

Na sua forma contemporânea, a emergência de uma sociologia da imagem e antropologia visual dá ênfase, ainda mais fortemente, ao uso da imagem como forma de capturar certos aspectos mais efêmeros das relações sociais que poderiam se perder se não resgatados na forma imagética. Partindo desse ponto, podemos observar que a relação entre as ciências sociais e a fotografia nos remete a uma discussão acerca dos usos da fotografia como objeto e método de trabalho sociológico, e da legitimidade desses usos em relação não só a questões de objetividade X subjetividade da interpretação analítica das imagens, mas da produção da própria imagem como objeto sociologicamente relevante. Será que é possível construir uma

leitura sociologicamente plausível de uma imagem fotográfica que dê conta das intencionalidades do fotógrafo, do fotografado e do intérprete, ao mesmo tempo em que aponta aspectos relevantes para compreender objetivamente a cena retratada? Como justificar sociologicamente o uso da imagem retratada como texto interpretativo?

Levando em consideração que os registros fotográficos passaram a ser uma das formas mais corriqueiras da construção discursiva dos sujeitos no mundo contemporâneo, especialmente os retratos (*portraits*) utilizados como forma de apresentação principalmente nas redes sociais, parece pertinente, portanto, problematizar quais os limites sociológicos do uso e interpretação da imagem fotográfica. Tendo em mente que muito já foi discutido acerca desse problema, será necessária, antes de tudo, uma ordenação da discussão pautada pelo estabelecimento de pontos de referências discursivos que situem os autores e problemáticas acerca dos usos da interpretação de imagens e do método fotográfico na sociologia. Duas análises opostas parecem oferecer os pilares para a discussão aqui proposta. Se por um lado Bourdieu sugere que a fotografia cotidiana, constituída a partir das práticas mundanas por indivíduos que não se constituem em conhecedores da arte ou da fotografia, pode servir como base para uma análise aprofundada das estruturas de organização de grupos específicos e como representação de relações sociais, por outro temos análises como a de José de Souza Martins que refuta a possibilidade de tais usos, dando ênfase à construção de um discurso sociológico apenas quando da realização da fotografia já imbuída de intencionalidade sócio-estética, é o sociólogo-fotógrafo que dá à imagem seu caráter sociológico.

Dessa maneira, podemos delinear os usos da fotografia pela sociologia como pertencentes a uma análise ancorada na lógica funcional do seu uso cotidiano e na leitura contextual de seus elementos internos (posicionamento dos indivíduos no plano fotográfico, distância e proximidade de indivíduos em relação aos outros, uso ou não de cores etc.) ou ao seu uso como método de construção de imagens esteticamente estudadas e construídas a partir da intencionalidade do sociólogo/fotógrafo como forma de capturar significados e construir um discurso especificamente sociológico. Esse dois pólos de proposição analítica para o uso da fotografia não só deságuam em projetos

distintos, do uso da imagem como construção do objeto ou do uso da imagem como interpretação do objeto, mas também opõe esteticamente essas imagens fotográficas. Se por um lado a imagem cotidiana obedece a uma representação estética mundana (não acadêmica ou não canônica) por outro lado, a imagem que Martins chama de sociologicamente constituída já faz parte de parâmetros da estética canônica, fruto de um contexto generativo distinto. Podemos então justificar a construção de uma leitura da imagem cotidiana como forma válida de interpretação sociológica ainda que esta não possua uma intencionalidade sociológica? Quais os limites da interpretação sociológica acerca do uso da fotografia? Num contexto como o contemporâneo, onde a imagem parece valer mais do que mil palavras, como utilizá-la para construir um conhecimento plausível sobre as relações sociais retratadas, representadas, constituídas?

O trabalho aqui proposto, portanto tem como seu objetivo principal retomar a discussão do uso da fotografia tanto como método, representado principalmente pelo seu uso na sociologia visual e sociologia da imagem, quanto como objeto passível de interpretação sociológica para além de leituras puramente estéticas das qualidades intrínsecas do trabalho artístico. Baseando-se numa leitura crítica de autores diversos, como José de Souza Martins, Pierre Bourdieu, Annateresa Fabris, entre outros, pretende-se revalidar para a sociologia a leitura das imagens fotográficas do cotidiano (retratos, auto-retratos e fotografias digitais consideradas não-artísticas), seus usos sociais e sua inclusão num campo de circulação de significados simbólicos que se tornam operantes no mundo contemporâneo. Nesse contexto, há que se levar em consideração as transformações ocorridas em termos tecnológicos no processo de captura de imagens e na volatilidade do processo de observação das mesmas, nos dando então a possibilidade de entender a fotografia atual como parte de um discurso constituído de imagens que localizam e estruturam a prática na sua realidade multifacetada e fugidia.

I - A fotografia em seu contexto sociológico: construção estética versus imagem rotineira

Para que se possa iniciar uma discussão acerca da importância e centralidade de uma análise sociológica da fotografia na forma de objeto e técnica de investigação é necessário, antes de mais nada, considerar que o elemento fundamental do uso desse recurso como ferramenta metodológica é fruto não apenas da crença na veracidade da imagem fotográfica, como parecem afirmar todos os autores aqui visitados, mas também a sua inserção plural de maneira universal no que diz respeito inclusive as classes sociais distintas. Ainda que possamos defender que os usos e significados construídos da imagem fotográfica e da própria câmera sejam distintos para classes sociais e culturas distintas, não se pode negar que, especialmente na forma como se apresenta no mundo contemporâneo, a fotografia conquistou a todos.

Antropologia – etnografia, o exótico e a necessidade do olhar para além do humano (Sontag)

Arte – estética (a imagem fotográfica como construção estética e apreciação daquilo que não se vê) – Barthes, etc...

II – Os “usos sociais da fotografia” e sua pertinência metodológica

1. É possível ler fotografias sociologicamente?

A forma como Bourdieu lida com a fotografia baseia-se na idéia de que ela é uma mídia que não requer ou necessita de conhecimento técnico ou científico especial já que o conjunto de habilidades requeridos pela prática estão eles mesmos contidos na própria máquina, no próprio instrumento fotográfico. No entanto, ele afirma que apesar de possuir as habilidades necessárias para fazer ou destruir a imagem, o fotógrafo, ele mesmo, ainda tem a possibilidade de escolher (um certo sentido de intencionalidade pode ser atribuído a esse adendo feito por Bourdieu) o que será fotografado e como esse processo terá lugar (o que poderia portanto incluir uma idéia de valores estéticos e ético-morais sendo utilizados mesmo por um leigo no processo de aquisição da imagem fotográfica.) Essa pressuposição vai de encontro a lógica mais tarde apresentada por José de Souza Martins, quando busca traçar uma linha divisória clara entre processos estéticos legítimos, profissionais e aqueles possivelmente utilizados por uma estética impura, na fotografia cotidiana, por usuário não treinados, que dessa maneira seriam geralmente classificados de ingênuos ou documentais a depender do objetivo de aquisição das suas imagens.

Pg. 6:

“However, even when the production of the picture is entirely delivered over to the automatism of the camera, the taking of the picture is still a choice involving aesthetic and ethical values: if, in the abstract, the nature and development of photographic technology tend to make everything objectively ‘photographable’, it is still true that, from among the theoretically infinite number of photographs which are technically possible, each group chooses a finite and well-defined range of subjects, genres and compositions.”

De maneira sucinta, Bourdieu afirma portanto que a fotografia, especialmente a leitura fotográfica do cotidiano e o uso da imagem comum, pode ser utilizada tanto como objeto como quanto metodologia analítica para aprofundamento da análise sociológica (guardadas as devidas precauções relacionadas a necessidade dessa

técnica, a ser definida, assim como qualquer outra, em relação ao objeto a ser construído e reconstruído aos fins a que a pesquisa se destina):

“Photography expresses, apart from the explicit intentions of the photographer, the system of schemes of perception, thought and appreciation common to a whole group.” (Pg. 6)

A discussão nessa primeira parte do texto gira em torno de como justificar o estudo sociológico da fotografia sem necessariamente cair numa leitura psicológica da mesma e sem se render a lógica da estética pura que nega os usos sociais da obra de arte.

Bourdieu inicia sua explanação demonstrando como a fotografia é fruto de um sentido mundano de apropriação e sacralização da experiência e, portanto, preenche uma função social específica (indicada na sua localização no meio familiar).

A análise proposta tem três níveis de discussão distintos, porém interligados e interdependentes na sua aparição cotidiana:

1. Nível da Prática per se (distribuição da frequência e dedicação a prática de fotografar) em classes sociais distintas.
2. Leitura das imagens fotográficas por parte dos atores envolvidos (para delimitar os aspectos estéticos e Bárbaros da leitura da imagem – mais tarde associados os seus usos sociais).
3. Construção de um campo de legitimidade artística para localizar a fotografia como processo não institucionalizado de uma estética pura pertencente, neste momento, ainda ao campo da arte consagrada (da elite).

Através da construção desses três aspectos distintos Bourdieu chega a afirmar que os usos cotidianos da fotografia são pertencentes a uma ordem estética oposta aquelas da elite e, portanto, pertencentes a uma classe social específica.

Afirma ainda que a aparente falta de sistematização estética, no que diz respeito a normas que regem a prática e leitura fotográfica, nas classes populares são na realidade

sistemáticas se observadas do ponto de vista de uma estética específica que prima justamente pelo reconhecimento da função de uma imagem, tanto da forma como o objeto é capturado (o mais próximo ao real, representando papéis sociais imediatamente reconhecíveis, que reproduzem a lógica do espaço do qual são fruto) quanto no que diz respeito a que objeto será passível de ser fotografado.

Problemas relacionados à fotografia:

1. No nível da prática – a escolha do objeto fotográfico já é ela mesma indicadora da existência de um sistema de esquemas de percepções (mais tarde vira habitus!), pensamento e apreciação que são compartilhados por um grupo.
2. Essas percepções compartilhadas criam um conjunto finito de objetos fotografáveis, que por sua vez podem ser capturados pela observação da prática fotográfica entre esses grupos (tanto sua frequência quanto persistência).
3. Devido a esses dois aspectos, Bourdieu afirma que, embora busque uma autonomia explicativa com relação à leitura e captura de objetos a partir de uma ordem própria, os aspectos estéticos da fotografia vão sempre ser fruto dessa organização das percepções e de um sistema de valores específico que acompanha classes sociais ou grupos.
4. A frequência e permanência da prática fotográfica não está necessariamente relacionada ao alcance econômico ou conhecimento técnico, ela obedece a regras relacionadas a considerações sociais acerca da própria prática (perda de tempo, para experts, forma de arte) e da apropriação de valores estéticos pertencentes a um grupo restrito de indivíduos.

Objetivos gerais de Pierre Bourdieu em Un art Moyen

1. Discutir os usos sociais da fotografia;
2. Descrever e compreender as práticas fotográficas dos camponeses de uma área rural da França.

Discussão geral do livro

Resultados da introdução da fotografia na área rural que está sendo estudada e usos sociais dessas fotos:

1. Uso nas festividades de casamento – tem uma FUNÇÃO específica relacionada a afirmação da unidade coletiva, situação dessa comunidade no momento e fronteiras dessa comunidade.
2. O uso dessas fotografias se faz nessas situações (como o casamento) que estão fora da rotina cotidiana desse grupo, na busca de reafirmar uma imagem específica que esse grupo possui e protege.
3. As fotografias são lidas a partir de uma perspectiva externa trazem a tona leituras possíveis sobre os papéis sociais e as relações sociais do grupo. (essa leitura é feita tanto pela própria população quanto pelo sociólogo).
4. A idéia central que o texto defende é que não é a falta de capacidade técnica nem a falta de recursos financeiros que impede que a fotografia seja praticada pelos camponeses ou mesmo que seja utilizada de maneira mais explícita (como regalos exibidos em suas salas e casas). O que define as condições da sua prática e seu uso entre essa população é um alinhamento entre essa prática e certos padrões culturais de comportamento camponês que a consideram parte da vida da cidade, da vida pequeno-burguesa e burguesa, sendo, portanto, diametralmente opostas ao ideal de comportamento campesino.

A fotografia, segundo os autores, funciona como sociograma, ou seja, ela reflete os arranjos sociais dos papéis e relações sociais que tomam lugar na vida cotidiana dessas pessoas. Dessa maneira elas as aproximações e distanciamentos nas fotos refletem distanciamentos e proximidades de relacionamento na vida cotidiana desses indivíduos e desses grupos, assim como ausências e presenças podem indicar estabilidade ou instabilidades nas relações entre esses indivíduos.

Como é feita a leitura das imagens fotográficas:

1. (Bourdieu, 2004) p.605-606: “Nothing MAY be photographed besides what MUST be photographed.”

2. What is pictured and read are social roles and social relationships, no real individuals.
3. P. 611: “The photographic portrait ...performs the objectification of the self image... It’s simply the limiting case of the relationship with others”.

See more on pages 611, 612 and notes number 16, 19 and 20 for references on Portraits as a form of picture taking and as a means to better understand body positioning in portraits at its relation to frontal positions (plane – immobility and non-temporality) versus depth (idea of temporality)

Also, internal reading of photos in what relates to posture and sociological meanings in this rural context. Cada postura encontrada na foto reflete uma forma de lidar com o olhar do outro, com a questão da temporalidade e da honra.

Os camponeses se apresentam eretos, rígidos e encaram a câmera como forma de manter um postura digna diante do outro, e como forma de controlar como ‘serei visto’ pelo outro.

Discussão acerca das idéias gerais do texto:

Segundo os autores, as fotografias se prestam a observação sociológica por carregarem nas suas imagens não a realidade dos indivíduos retratados, mas por fixarem papéis e relações sociais dando-nos a chance de extrair delas os possíveis significados e possíveis construções de significados que tomam lugar na realidade.

O problema que surge dessa leitura especificamente é que:

1. As fotos observadas são um tipo específico de fotografia, os retratos, que estão datados historicamente e para os quais há a pressuposição da montagem de cenário. As fotografias mais espontâneas ou íntimas dessa realidade específica e mantida guardada dos olhos públicos. Então claramente, as fotografias que são expostas são aquelas onde houve controle da imagem a ser passada aos demais indivíduos e onde parece haver certo sentido de intencionalidade na postura dos retratados.

2. Tendo isso em mente, poderia a sociologia fazer uma leitura de fotografias menos posadas, mais corriqueiramente utilizadas no mundo contemporâneo? Claro que nos casos de fotos de pessoas e não de ações essa leitura ainda é possível, mas o que dizer de fotografias não intencionais (pelo menos por parte dos sujeitos fotografados), como elas podem ser lidas? Essa espontaneidade e a falta de intencionalidade consciente impedem que as imagens sejam sociologicamente úteis?

III – A “intenção fotográfica” e os problemas da ingenuidade e do conhecimento estético

José de Souza Martins e a primazia da estética sobre o cotidiano- como a construção da imagem esteticamente estudada deveria se mostrar mais relevante para a análise sociológica.

IV – Os limites do discurso estético e a imagem do cotidiano como objeto sociológico

Sztompka, Bourdieu, Sontag e Becker – de volta ao cotidiano, ao efêmero e ao uso da fotografia como janela para a fluidez da vida social.

Fotografia ingênua é essencial para a compreensão de relações estéticas dos indivíduos que não fazem parte necessariamente do rol do “esteticamente” privilegiados.

Conclusões e propostas de novos caminhos

Por uma sociologia da fotografia sem soberba estética

Bibliografia

BAGOLIN, Luiz Armando e REIS, Magali dos. (2009). "Sociologia da fotografia e da imagem." Tempo Social. 21(1): 214-217.

BECKER, H. S. 1974. "Photography and Sociology". Studies in the Anthropology of Visual Communication 1, 3-26.

BOURDIEU, P., L. BOLTANSKI, et al. (1990). Photography: a middle-brow art. Cambridge, Polity Press.

BOURDIEU, P. and M.-C. BOURDIEU (2004). "The Peasant and Photography." Ethnography 5(4): 601-616.

COBLEY, Paul & HAEFFNER, Nick. (2009) "Digital Cameras and Domestic Photography: communication, agency and structure". Visual Communication 8: 123.

FABRIS, A. (2007). "Discutindo a imagem fotográfica".
<http://www.fotografiacontemporanea.com.br> Data de publicação: 25/10/2007

FERRAROTTI, Franco. (1993). "Culture and Photography: Reading Sociology Through a lens" International Journal of Politics, Culture and Society 7 (1): 75-95.

KOURY, M. G. P. (2004). "Fotografia e interdito." Revista Brasileira de Ciências Sociais 19: 129-141.

MARTINS, J. d. S. (2008). Sociologia da Fotografia e da Imagem. São Paulo, Contexto.

MAUAD, A. M. (1996) "Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces". Tempo, 1(2):73-98.

MEAD, M. and BATESON, G. (1942 (2008)). Balinese Character, a photographic analysis. New York, New York Academy of Sciences/University of California.

PAULA, S. d. & MARQUES, Kadma.(2010). "A imagem Fotográfica como objeto da Sociologia da Arte". Revista de Ciências Sociais, 41 (1): 17-26.

SCHAEFFER, J.-M. (1996). Imagem Precária: Sobre o dispositivo fotográfico. Campinas, Papyrus.

SONTAG, S. (1973). On Photography. New York, Rosetta Books.

SZTOMPKA, Piort. (2008) "The Focus in Everyday Life: a new turn in Sociology". European Review **16** (1): 23-37.

SOCIOLOGICAL REVIEW (2009) **57**(3). Blackwell: Oxford

WELLER, W. and BASSALO, L. d. M. B. (2011). "Imagens: documentos de visões de mundo." Sociologias **13**: 284-314.